

O ato político perfeito

Não sou tão antigo assim, mas é difícil hoje explicar à nova geração o que era viajar nos anos sessenta. Em primeiro lugar, os carros eram lentos e ruins, estavam no estágio anterior à carroça. A indústria automobilística brasileira dava seus primeiros passos. Não havia muitas oficinas especializadas e os mecânicos improvisavam.

Telefone mudo — O sistema de comunicação brasileiro - todo ele privado - não funcionava. Ligar de Petrópolis para o Rio significava uma espera de quatro a cinco horas. De Brasília, a espera era menor, mas, ainda assim, era necessário ligar para 101, pedir a ligação e se sentar junto ao telefone. A ligação podia ser completada rapidamente ou demorar uma eternidade.

As raríssimas estradas asfaltadas

tinham alguma conservação. Mas a norma era estrada de terra. A ligação entre Rio e Cabo Frio só tinha asfalto no curto trecho da serra. A Belém-Brasília, inaugurada ao tempo de JK, também era de terra.

A descoberta da Bahia — Viajar era difícil. Não havia o mínimo de organização no turismo. Ninguém havia descoberto a Bahia, para onde se viajava de avião ou navio. A inauguração de Brasília modificou o país. Agora, passados 35 anos, restou do Brasil antigo apenas o ranço carioca, explicável pela perda dos privilégios da Capital, e muita discussão política. Mas, sem dúvida, o Brasil mudou completamente depois que Juscelino Kubitschek embarcou na sua viagem inesquecível, navegou em seus delírios políticos e realizou o ato político perfeito.